

Editorial

O PENSAR LATINO-AMERICANO

A América é selvagem. Selvagem em sua proximidade com a natureza bruta, não dominada pelo homem, que irrompe a espaços entre as cidades separadas pela montanha ou pela mata. Selvagem enquanto marcada pela presença irrecusável de um “pensamento selvagem”: o do negro e o do índio. Este pensar selvagem da América não encontra paralelos imediatos na Europa atual. Somos o Ocidente. Mas o Ocidente, em nós, não é o Ocidente claro, lógico, onde o mito aparece domesticado pela poesia. O Ocidente que somos é o Ocidente obscuro, selvático. Nele, a poesia é o mito — flor agreste, pensamento. A América é o Ocidente. Mas o Ocidente já não é a pura Europa. Há uma originalidade americana irreduzível, que é preciso integrar, a fim de, Europa e América, sermos o Ocidente, com suas mitológicas.

A América é emotivo-intuitiva em sua dimensão selvagem; a Europa, racional-intuitiva, em sua tradição filosófico-metafísica, transcrita no idealismo contemporâneo. Cabe à Europa recuperar a dimensão emotiva, que se faz anunciar no pensamento americano; cabe à América Latina elevar-se ao plano racional, incorporando a originalidade de sua experiência vivida ao patrimônio do pensamento ocidental.

A América Latina é experimentada por nós como uma unidade — a doce América, a Latino-América. É uma unidade, na sua poesia e nos seus cantos. É um mito para nós mesmos. De onde vem esta dimensão poética e mítica da América, esta unidade para além das fronteiras nacionais, que estremece em nós ao apelo da terra, senão de uma experiência originária de nossa circunstância, expressa nessa emoção e nessa poesia?

Não se trata, a nosso ver, de buscar a América ou o mito americano, como expressão absolutamente outra em relação às vivências da Europa. Ao contrário: é uma busca que deve revelar, na experiência originária da circunstância americana, aquilo que esta experiência pode oferecer de universal. A América desperta como consciência e isto quer dizer: aprende a conhecer a si mesma, não na superfície de sua especificidade, mas, na radicalidade humana de sua experiência.

A REDAÇÃO